

## **A PLATAFORMA COMO MECANISMO DE INTENSIFICAÇÃO/PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO HUMANO (E NADA MAIS QUE ISSO)**

**Luzimar Barreto de França Junior**  
PPGCS/FFC/Unesp Marília – luzimarjr@gmail.com

**Resumo:** O artigo analisa a relação entre trabalho humano e tecnologias digitais, argumentando que a plataformização intensifica a precarização do trabalho no contexto capitalista. A crítica se concentra na narrativa do "fetichismo da tecnologia", que obscurece as relações sociais subjacentes à exploração do trabalho. A pesquisa utiliza uma abordagem marxista para discutir a superexploração e os dilemas do trabalho precário sendo que seus resultados indicam que a plataformização não representa uma nova fase do trabalho, mas sim uma continuação das formas precárias existentes, aprofundando formas de trabalho precário já existentes.

**Palavras-chave:** plataformização, trabalho humano, precarização.

### **1. Introdução**

O presente artigo analisa o debate estabelecido em torno do trabalho humano e das novas tecnologias de recrutamento e subordinação, centrando-se na ideia de que a plataformização e a utilização de tecnologias da informação e comunicação não significam uma nova forma ou uma nova etapa na exploração do trabalho, mas apenas uma nova possibilidade de aprofundamento da precarização do trabalho dentro dos marcos do capitalismo mundial.

Além disso, a crítica destaca a narrativa do "fetichismo da tecnologia" que obscurece as relações sociais que determinam os limites e as possibilidades das plataformas digitais, apresentadas como um fatalismo tecnológico.

Este argumento sugere que tais tecnologias não são entidades autônomas, mas estão essencialmente conectadas às relações sociais e ao modo de produção capitalista. Portanto, as tão proclamadas transformações do mundo do trabalho não refletem uma evolução positiva ou libertadora, mas uma intensificação da exploração da classe trabalhadora, ressaltando que essa visão ignora a precarização da condição de trabalho e as realidades enfrentadas por muitos trabalhadores no Brasil e no mundo.

## 2. Metodologia

No artigo, que é parte dos esforços da pesquisa desenvolvida em nível de doutoramento junto ao PPG em Ciências Sociais, foi realizada uma análise bibliográfica, que incluiu uma revisão de literatura essencialmente marxista. O foco dessa revisão foi o debate acerca da superexploração do trabalho humano, da digitalização da vida e dos dilemas sobre o trabalho precário.

Além disso, a pesquisa em andamento busca articular conceitos do Marxismo Dialético com outros elementos constitutivos, visando uma melhor compreensão dos mecanismos de dominação do capital que afetam a classe trabalhadora, especialmente em contextos de desigualdade e dependência econômica e política. A perspectiva marxista não dogmática é destacada, indicando que o estudo pretende contribuir para uma análise rigorosa do trabalho plataformizado e das condições da classe trabalhadora.

## 3. Resultados/Discussões

Com base no material coletado e nas análises já realizadas pudemos concluir que a plataformização não é vista, a nosso ver, como o início de uma nova fase do trabalho ou etapa da economia, mas apenas como um aprofundamento e expansão de formas precárias já existentes, que foram implementadas ao longo dos últimos séculos de predominância do modelo capitalista.

O trabalho em plataformas digitais apenas intensifica transformações neoliberais que têm suas raízes na crise do taylorismo-fordismo dos anos 1970. Este modelo de trabalho é caracterizado por uma flexibilidade extrema e pela absoluta falta de regulamentação, promovido por organismos internacionais e entidades patronais.

Tecemos a crítica a ideia de que as características do trabalho plataformizado se devem a um mero fatalismo tecnológico, como se não houvessem alternativas de regulamentação para além dos marcos definidos pelas grandes corporações do capitalismo mundial.

Esses resultados sugerem uma crítica aprofundada às narrativas convencionais sobre a evolução do trabalho e a adoção de novas tecnologias no Brasil (e no mundo), apresentando a plataformização como um fenômeno que perpetua (e acentua) desigualdades já existentes.

#### 4. Considerações Finais

A pesquisa, ainda em andamento, permite destacar em sede de considerações finais que a plataformação não inaugurou uma nova fase do trabalho, mas sim aprofundou as formas de trabalho precário que já existem há muito tempo e que o trabalho por plataformas digitais reflete e intensifica transformações neoliberais iniciadas desde a década de 1970, perpetuadas por organismos internacionais e entidades patronais nacionais.

E ainda, a falsa ideia de um fatalismo tecnológico que caracteriza o trabalho plataformação não pode ser vista, senão, como uma forma de ignorar as contradições advindas com o uso das plataformas digitais apontando para a necessidade de um tratamento crítico e contextualizado das realidades do trabalho no Brasil, em especial sob a perspectiva da sua história e das desigualdades sociais persistentes.

#### 5. Referências

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 11-22.

ARTUR, Karen.; CARDOSO, Ana Cláudia Moreira. O controle das plataformas digitais: nomear a economia, gerenciar o trabalho e (des)regular os direitos. Revista Tomo, n. 37, p. 349-390, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A Nova Razão do Mundo. São Paulo, Boitempo, 2016.

FAIRWORK BRASIL. Fairwork Brasil 2021: por trabalho decente na economia de plataformas. 2021. Disponível em: <https://fair.work/wp-content/uploads/sites/17/2022/03/Fairwork-Report-Brazil-2021-PT-1.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.

FAIRWORK BRASIL. Fairwork 2023: Ainda em busca de trabalho decente na economia de plataformas. 2023. Disponível em: <https://fair.work/wp->

content/uploads/sites/17/2023/07/Fairwork-Brazil-Ratings-2023-report-PT-red.pdf. Acesso em: 23 maio 2024.

SIMONET, Maud. Trabalho Digital e Trabalho Gratuito em Perspectiva Feminista. In: GROHMANN, Rafael. (Org). Os Laboratório do Trabalho Digital: entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 65-68.

VAN DOORN, Niels. Trabalho em Plataformas é Trabalho de Minorias. In: GROHMANN, Rafael. Os Laboratórios do Trabalho Digital: entrevistas. São Paulo: Boitempo, 2021, p. 57-60)